

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

AS GEO-GRÁFIAS DA MEMÓRIA:
GÊNERO E NEGRITUDE NA CONSTITUIÇÃO DO LUGAR FESTIVO
DO CONGADO DE SÃO JOSÉ DO TRIUNGO, VIÇOSA-MG

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da
Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para a
conclusão do curso de Bacharelado em Geografia

Bacharelando: Patrício Pereira Alves de Sousa

Orientadora: Marisa Barletto – DPE

Co-orientadora: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo- DGE

VIÇOSA
NOVEMBRO - 2008

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharelado em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Banca Examinadora:

Professora Marisa Barletto (orientadora) – DPE

Professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo (co-orientadora) – DGE

Professor Ronan Eustáquio Borges - DGE

Professora Carla Cristina Oliveira de Ávila - DAH

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. (Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas).

Para Vó Maria e Vó Tereza,
as escritas do imaginário que elas em mim germinaram.

RESUMO

As Geo-grafias da Memória:

Gênero e negritude na constituição do lugar festivo do Congado de São José do Triunfo,
Viçosa-MG

A presente pesquisa teve por objetivo compreender como a Festa do Rosário, realizada no distrito de São José do Triunfo (Viçosa, MG), cumpre a função de manter na memória do grupo social dela participante o processo de constituição do espaço e tempo social daquele lugar. O desenvolvimento do trabalho se fez a partir das categorias tempo/espaço, gênero e etnia, considerando na análise, a complexidade das relações espaço/tempo, como também da diversidade de sujeitos sociais que nela estão constituídos. A análise das relações de gênero e questões étnicas – enquanto marcadores de subjetividades – se fez possível pelas características dialógicas dos instrumentos metodológicos, permitindo emergir nas territorialidades do Congado, o inter-jogo histórico das identidades. Tais metodologias possibilitaram a formulação de uma série de materiais, tais como narrativas memoriais e a confecção de mapas mentais, que permitiram o estabelecimento de aproximações entre a Festa de Nossa Senhora do Rosário e a configuração espaço-temporal do distrito de São José do Triunfo.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, aos trabalhadores brasileiros que com seus esforços me permitiram a conclusão de um curso superior em uma universidade pública e gratuita.

A todos os meus familiares, que possibilitaram a realização de um sonho. De modo especial a meus pais, Ireni e Sebastião; minhas irmãs, Sabrina e Gabriela; e meu irmão, João Vitor.

À minha orientadora, professora Marisa Barletto, por toda sua atenção, dedicação, generosidade e sabedoria no acompanhamento da realização deste trabalho.

À solícita e grande geógrafa, professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, pela co-orientação desta monografia.

A todos os professores, e de modo especial aos da Geografia, que fizeram de minha graduação um momento de crescimento intelectual e humanístico.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero – NIEG/UFV – pelas reflexões possibilitadas por seu grupo de coordenadoras, estagiárias e estagiários.

À professora Ana Louise de Carvalho Fiúza, pelos seus ensinamentos sobre relações de gênero e pesquisa científica.

Aos professores Carla Cristina Oliveira de Ávila e Ronan Eustáquio Borges, pela aceitação em participar da defesa desta monografia e pela grandiosidade de suas práxis acadêmicas que me levaram a desejá-los em minha banca.

À Nena, Dalva e Rosana, pela amizade.

Aos amigos do 1622, que se constituíram numa família durante os anos de convívio no alojamento.

Aos meus grandessíssimos e especialíssimos amigos da Geografia, em especial aos da turma de 2004.

À Taís, Roselene, Luciana, Verônica e Juninho, por terem participado da gestão de um sonho.

À minha namorada Alice, pela paciência e carinho em tempos de formatura.

Ao Programa de Apoio à Iniciação Científica da Fundação Arthur Bernardes, pela concessão de bolsa para realização desta pesquisa .

À cidade de Viçosa, pelo seu acolhimento.

À Universidade Federal de Viçosa, por possibilitar que eu fizesse de seu território meu lugar.

Aos integrantes do Cursinho Popular DCE/UFV do ano de 2006, que muito me ensinaram sobre Geografia, educação, política e emancipação.

E em especial à Irmandade de Negros de São José do Triunfo por toda sua disponibilidade e abertura em me deixarem participar de suas festas e memórias.

SUMÁRIO

1 - CONVITE À FESTA.....	07
2 - ACENDENDO CANDEEIROS.....	13
3 - A IRMANDADE DE NEGROS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SÃO JOSÉ DO TRIUNFO: SUJEITOS DE PESQUISA E DA FESTA.....	16
4 - “FAZENDO A FESTA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS TÉORICO-METODOLÓGICOS.....	26
4.1 - As narrativas e a história oral.....	30
4.2 - Observação participante, construção de cenas etnogeográficas e o diário de campo.....	34
4.3 - O diagnóstico rápido participativo.....	38
5 - MEMÓRIA E ESPACIALIDADE NA FESTA DO ROSÁRIO: GÊNERO E ETNIA NA CELEBRAÇÃO DO LUGAR.....	43
5.1 - A memória como unificadora do espaço e do tempo.....	43
5.2 - A espacialidade dos eventos festivos.....	45
5.3- O lugar festivo.....	47
5.4 - Espaço, festa e pedagogização.....	57
5.5 - Gênero e etnia/raça como dimensões de tensionamentos espaciais dos sujeitos e como marcadores socioespaciais da diferença.....	62
6 - A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NO ESPAÇO-TEMPO DE SÃO JOSÉ DO TRIUNFO.....	76
6.1 - A festa do “12 pra 13”.....	76
6.2 - Os ensaios.....	77
6.3 - A Festa do Rosário.....	79
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
9 - ANEXOS.....	96

1 – CONVITE À FESTA



Este é um texto sobre memórias; mas pode também ser tomado como uma memória sobre textos. Explico. É um esforço de registrar memórias, mas é também uma memória sobre inscrições e escritas. Trata-se de um exercício de sistematizar os encontros entre histórias de vida com a biografia de um espaço. De dizer sobre a constituição de um lugar a partir das vidas que o animam e que por ele são animadas.

É um texto sobre memórias, enquanto análise de eventos memoriais que se inscrevem espacialmente. Uma memória sobre textos, enquanto relato de uma experiência de pesquisa e delineamento das escritas que a oralidade e o movimento dos corpos imprimem ao espaço. É, pois, um texto de Geografia sobre escritas espaciais, sobre *geografias*.

Hifenizar uma palavra de tão ampla utilização como *geografia* leva-nos ao risco de nosso trabalho ser taxado de imponderação. Embora não seja esta uma palavra composta, em termos gramaticais, as semânticas do termo permitem-nos jogar com seus significados: em sua grafia, em seus usos, no deslocamento de seus sentidos e em suas distintas transcrições, traduções e inscrições. Assim, sugerimos que o termo *geografia*, quando

tomado para designar as escritas espaciais, abre-nos uma série de possibilidades para problematizar as configurações espaciais emergidas no ato humano de organizar seus lugares.

Os corpos negros, como sugere Martins (1997), matizam territórios com seus movimentos e em suas oralituras¹, que como estiletos inscrevem a história e a cultura dos povos africanos em terras brasileiras. O Congado territorializa a corporeidade negra ao festejar suas memórias, cria lugares ao consagrar espaços. A memória permite a espacialidade; ao construir lugares a partir das sociabilidades e das tensões entre aqueles que lembram. O espaço permite a memória; na medida em que as lembranças necessitam se apoiar em sua extensão para perdurar. As *Geo-grafias da Memória* são, pois, as espacializações e as espacialidades das memórias.

Assim, o que busco neste texto é, pedindo licença aos guardiões da memória² da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo (Viçosa, MG), transformar-me num narrador capaz de relatar as memórias que me confiaram no desenrolar desta pesquisa. A análise que aqui apresento partiu do esforço de buscar compreender como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada no distrito em questão, cumpre a função de manter na memória do grupo social dela participante o processo de constituição do espaço e tempo social daquele lugar.

Vale salientar que pela opção do texto narrativo sou levado a utilizar, por vezes, do pronome em primeira pessoa, já que busco descrever minha experiência investigativa.

¹ A expressão oralitura é utilizada por Martins (1997; 2006) para problematizar a maneira como nos Congados a oralidade inscreve nos corpos e espaços as memórias e os saberes da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Ao inscrever-se nos corpos e espaços, como propõe a autora, a oralidade ganha a dimensão de texto, corporificando/cartografando ritualisticamente os muitos matizes da cultura negra em terras brasileiras; constituindo-se em oralitura.

² Neste trabalho, a expressão é utilizando a partir do entendimento de Von Simson (2008) do termo. Para a autora, os guardiões da memória representam um grupo que cumpre o papel social de transmitir às novas gerações a memória dos membros mais velhos de um agrupamento social sobre suas vivências e experiências, de maneira a permitir a sobrevivência deste grupo.

Deixo claro, entretanto, que embora a narrativa seja minha, as idéias contidas no texto são resultado de inúmeros diálogos e debates realizados junto à orientadora e co-orientadora, grupo de pesquisa, autores consultados e sujeitos informantes. Embora escrita individual, jamais texto solitário. Monografia no sentido *stricto*, mas *poligrafia* na significação *lato*.

Como nos aponta Tuan (1983), embora seja difícil comunicar experiências íntimas que desenvolvemos com coisas e pessoas, pela escassez de vocabulário para expressar aquilo que só está na dimensão do sentir e não necessariamente do racionalizar; o significado de nossas experiências não se restringe a um território privado e impenetrável. Podemos compartilhar nossas experiências com o outro, a partir do relato de nossa vivência, tornando nosso interlocutor capaz de nos compreender a partir do reconhecimento daquilo que compartilham conosco de certa maneira.

Neste caminho de elucidações sobre a forma do texto, a fim de torná-lo comunicativo, como acima exposto, temos de fazer algumas observações sobre as figuras que o compõe. As fotografias, croquis e mapeamentos inseridos na monografia se constituem num esforço de contribuir no dimensionamento das análises efetuadas no trabalho. Desta maneira, as imagens nele inseridas funcionam também como texto, no sentido de serem, na maior parte das vezes, mais que somente ilustração, dizendo por si mesmas sobre a configuração da realidade que observamos. Nesta medida, parte das fotografias que compõem a monografia funciona como introdução às falas, complemento às idéias ou conclusão de proposições, e por isso não ganham maiores detalhamento no restante do texto, a fim de não resultarem em redundâncias. Aquelas fotografias que servem de ilustração são indicadas como tais, possuindo legendas e chamadas no texto que dimensionam sobre suas utilizações e que revelam sobre seus conteúdos. Todas as imagens aqui utilizadas, com exceção da foto da Igreja no ano de 1960 (p. 55), são de nossa própria

autoria e foram produzidas durante os ensaios do evento festivo, na realização das festas e no desenvolvimento das técnicas empregadas na pesquisa durante os anos de 2006, 2007 e 2008.

Quanto ao diário de campo, utilizado como parte do instrumental metodológico do trabalho e de uso esclarecido mais adiante quando tratamos do caráter teórico-metodológico desta pesquisa, é utilizado no texto como um suporte para as análises realizadas por esta monografia. A transcrição de fragmentos de seu conteúdo é empregada no texto ora como esforço de ilustrar o processo de desenvolvimento da pesquisa, ora como suporte para substancializar as idéias e proposições de nossa investigação. Seu uso se deu, pois, na intenção de refinar a construção da narrativa que dá corpo a este texto.

Feitas estas ressalvas, podemos agora dizer sobre os significados e possibilidades gerados pela investigação em questão. O processo de iniciação à pesquisa realizado neste trabalho possibilitou que eu entrasse em contato com uma série de posturas exigidas pela atividade científica, na busca de um rigor e esforço que me formassem enquanto sujeito produtor do conhecimento que construirei na atividade educativa, quando de minha atividade profissional de licenciado, e de minhas práxis, nas atividades de bacharel em Geografia. Assim, a compreensão da necessidade de apoiar em referenciais teóricos e metodológicos para cientificamente buscar apreender a disposição e dinâmica dos elementos da realidade, permeou toda a atividade de pesquisa. A aprendizagem de certos princípios fundamentais para se trabalhar em campo foi outro grande crescimento adquirido a partir desta atividade de iniciação científica. Tais aprendizagens se deram na tentativa de compreender como os diversos eventos ordenam as relações espaço-tempo. Neste sentido, utilizamos de reflexões teóricas para esta tarefa sem que, no entanto, deixássemos que estas se tornassem camisas de forças para as interpretações dos

fenômenos ou em lente simplificadora e compartimentadora da complexidade que ali se configurava.

O maior aprendizado adveio, entretanto, do entendimento do lugar que posso vir a ocupar enquanto pesquisador. As pré-noções de ciência como algo frio e de extrema solidão, que sempre me relataram grande parte daqueles que se ocupam da atividade científica, não condisseram com minha experiência, pelo menos não na realidade em que participei. Os diálogos com os “sujeitos” de minha investigação jamais se deram num sentido simplista e binário cientista-objeto. Embora o que eu buscasse junto aos guardiões da memória do Congado transcendesse à dimensão de minha individualidade, já que a proposta é que o conhecimento produzido nesta atividade sirva para mais pessoas, nossos diálogos serviram de respostas para inúmeros questionamentos próprios. Pelo que pude observar, a recíproca dos guardiões agiram no mesmo sentido: suas intenções em relatarem suas memórias não foram somente a de contribuir com uma atividade de pesquisa. Os sujeitos da pesquisa transpareciam enxergar em mim uma possibilidade de tornar duradouras suas histórias de vida; era como se enxergassem a possibilidade de me transformar em um guardião de suas memórias, claro que não nos mesmos moldes dos componentes da Irmandade, mas como alguém capaz de registrar suas experiências de vida para serem lidas e conhecidas no futuro por novos membros do grupo e por pessoas de outros tempos e espaços.

A tentativa de tornar aquele espaço em lugar para mim não foi uma atitude destituída de interesses e a permissão por parte deles para que isto ocorresse também não. É necessário deixar destacado, pois, que a forma de conceber e de me relacionar com os sujeitos desta investigação se deu seguindo a concepção de Martins (1993), ao conceber o excluído/colonizado não simplesmente como vítima. Fez-se imperativo, desta maneira,

buscar os sentidos e significações de tempo e linguagem para os sujeitos da pesquisa que conformam o campo investigado, entendidos como sujeitos políticos que em seus discursos buscam redimensionar sua condição de dominado.

A realização deste trabalho foi marcada, desta maneira, pela presença de diversas vozes e mãos. Desde a elaboração do projeto para a pesquisa até a interpretação dos dados levantados, tanto no que diz respeito a formulação das questões a serem investigadas até as metodologias utilizadas no levantamento e análise de informações, foram construídas junto aos sujeitos sociais que compõe a Irmandade de Negros de Nossa Senhora do Rosário. “Convite à festa” é, portanto, uma metáfora que utilizamos aqui para jogar com a linguagem e tornar inteligível o caráter dialógico construtor desta investigação. Age em dois sentidos, um primeiro de apresentação da realidade e dinâmica da Irmandade de Negros de Nossa Senhora do Rosário em suas espacialidades em São José do Triunfo, e um em convite ao conhecimento do relato de uma experiência de pesquisa realizada junto às memórias festivas *geo-grafadas* em São José do Triunfo por congadeiros. Convite realizado, acendamos os candeieiros.

2 – ACENDENDO CANDEEIROS



A presente monografia é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo compreender como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada no distrito de São José do Triunfo (Viçosa, MG), cumpre a função de manter na memória do grupo social dela participante o processo de constituição do espaço e tempo social daquele distrito.

A iniciativa da investigação se fez pela constatação de nuances que a cidade de Viçosa possui na forma de ocupação de seu território, no que se refere aos indicadores da população de idosos e negros, mostrando particularidades quando comparados os indicadores da população. Como apontam os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Viçosa, se comparada às outras escalas de análise espacial, possui percentagem de idosos inferior à Zona da Mata Mineira, ao estado de Minas Gerais, à Região Sudeste e ao Brasil. Enquanto em Viçosa o percentual de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos é de 8,16%, as outras escalas apresentam, respectivamente, as percentagens de 10,9%, 9,07%, 9,29% e 8,55%. No entanto, se comparados os dados de população negra com idade igual ou superior a 60 anos, Viçosa possui percentagens

superiores. A cidade possui 1,29 % de sua população que se auto-declaram nestas categorias, enquanto a Zona da Mata Mineira apresenta 1,12%; o estado de Minas Gerais 0,8 %; na Região Sudeste 0,63% e o Brasil 0,59%³.

Esta realidade mostra a força da presença da população negra na constituição da cidade de Viçosa, o que justifica a busca de um entendimento mais minucioso sobre seu processo de formação nesta cidade, bem como das formas espaciais e temporais em que se dão os cotidianos desta população.

A relevância desta pesquisa reside, pois, na necessidade de se procurar compreender a história e geografia da cidade de Viçosa, especialmente no que concerne à população negra, cuja bibliografia não possui uma densidade muito significativa. Esta dificuldade torna-se problemática, sobretudo, nesse momento em que a necessidade de se pensar no ensino e na educação sobre a subjugação das contribuições do negro na construção do Brasil se fortifica. De acordo com a lei federal de nº 10.639/03, a educação nacional passou a ter a obrigatoriedade de incluir no currículo oficial da Rede de Ensino Fundamental e Médio a temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, estabelecendo a inclusão da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, e resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertencentes à História do Brasil.

A justificativa teórica desta monografia vai, por sua vez, ao encontro das proposições de Boaventura de Sousa Santos (2006), pois pretende contribuir para maior expressão política de saberes e práticas sociais negadas ou negligenciadas pela ciência moderna ocidental, que acusa de ignorante, residual, localista ou inferior as formas de organização do espaço que não se pautam na racionalidade ocidental e moderna. Ao nos

³ Dados do censo demográfico brasileiro do ano 2000, disponíveis em <http://www.sidra.ibge.gov.br>

aproximarmos das *démarches* boaventurianas, pretendemos contribuir para a construção das *sociologias das ausências* de forma a fortalecer as *sociologias das emergências*, tornando relevantes as experiências sociais tidas como não-existentes, de maneira a expandir o presente para mostrar que o futuro pode ser uma realização para além do que prega nossa racionalidade linear, evitando o desperdício da experiência social de uma série de sujeitos subjugados e subalternizados pelo saber científico hegemônico. Em última instância, trata-se da tentativa de compreender uma ecologia dos saberes, que torne - ainda que não nos excessos relativistas do humanismo - válidas as visões de mundo dos discursos para além do científico e que passe a considerar mais seriamente as buscas de reestruturação das limitações analíticas da ciência ocidental moderna (branca e masculina), adotando as perspectivas do feminismo e de movimentos intelectuais por minorias sociais (como negros, índios e homossexuais).

No caso desta pesquisa, tratou-se de mostrar como no Congado uma série de aspectos culturais esvaziados pela ciência como construtores do mundo, atuam na produção e organização de lugares, territórios e paisagens. Com nossa Geografia buscamos, pois, contribuir para a compreensão sobre a importância de espacialidades desconsideradas no processo de construção do saber e de apreensão dos fatos da realidade no espaço que analisamos.

3 – A IRMANDADE DE NEGROS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SÃO JOSÉ DO TRIUNFO: SUJEITOS DE PESQUISA E DA FESTA



A Irmandade de Negros de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo, distrito localizado na cidade de Viçosa-MG, está estabelecida na mesorregião da Zona da Mata Mineira, porção espacial do estado de Minas Gerais que teve as origens de sua economia orientadas principalmente para a agropecuária, possuindo em função disso, nos dias atuais, grandes traços desta economia agrária e dos modos de vida rural. Lamas et. al. (2007) explica que esta mesorregião teve grande importância na história do Brasil, por ter se configurado como a região que provia grande parte dos suprimentos demandados pela região mineradora de Minas Gerais no auge do Brasil colonial. Sua formação geográfica é, pois, em parte, fruto desta grande relação com as áreas auríferas de Ouro Preto e Mariana, municípios que tiveram sua opulência sustentada pela exploração de minas de ouro.

Paniago (1990) salienta que a ocupação da microrregião de Viçosa por populações negras efetuou-se pelas emigrações provenientes das decadentes minas de ouro de Mariana e Ouro Preto na segunda metade do século XVIII, movimento que trazia consigo os

escravos que trabalhavam nas minas. O estabelecimento dos antigos empresários auríferos em Viçosa e adjacências, ainda segundo Paniago, efetivou-se pela formação de fazendas com a base econômica orientada para a pecuária e as lavouras de café.

O distrito de São José do Triunfo figurou-se neste cenário como importante território para a fixação de negros. Segundo pesquisa realizada pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero- NIEG⁴, alguns poucos moradores antigos ainda têm a memória da condição escrava. Segundo contam os moradores, São José do Triunfo tem o apelido de ‘Fundão’ porque o lugar era caminho de fuga de escravos, onde há uma gruta que na época servia de refúgio; gruta essa também chamada de ‘fundão’.

Paniago (1990) ressalta ainda que a população negra que se fixou na região de Viçosa é de origem do grupo Bantu, população negra formada por inúmeras tribos do grupo Angola-Congolês e de grupos da Contra-Costa. A autora apresenta como evidência da ocupação desta população na região de Viçosa as “sobrevivências culturais” encontradas por ela em pesquisas na década de 1980. Embora algumas outras manifestações desta cultura, como a dança jongo, ainda sejam evidentes, é, diz Paniago, nos grupos de Congos, Congadas ou Congados que é mais perceptível a presença do Bantu, sobretudo nos distritos de São José do Triunfo e de Cachoeira de Santa Cruz.

O Congado, como define Roberto (2000), é o termo que designa os cortejos de negros escravos que reverenciavam santos católicos em festas, rituais e cerimônias de coroação de rei e rainha Congo. O Congado tem origem luso-afro-brasileira, uma vez que foi o catolicismo português que ofereceu a devoção a Nossa Senhora do Rosário; a Igreja,

⁴ Trabalho de Extensão sobre Saúde Reprodutiva Feminina, realizado pelo NIEG – Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero – em 2000, junto aos agentes comunitários de saúde do PSF e da população feminina de São José do Triunfo, distrito de Viçosa-MG.

no Brasil, reforçou essa crença e os negros deram forma ao culto e à festa por intermédio de elementos africanos. (SOUZA, 2002)

Ao citar Brandão, Roberto (2000) esclarece sobre a permanência da Festa do Rosário mesmo depois de séculos de manifestação.

Congos, congadas, afoxês, taieiras, reinados, maracatus, são alguns dos vários nomes de grupos rituais que, pelo menos desde o século XVII, continuam a sair às ruas, sobretudo as das cidades de economia ainda rural, em busca de adro e da nave das Igrejas de seus santos, ou das casas de seus pares e senhores.

[...] Dificilmente haverá em tantas cidades do País uma outra festividade ritual, popular e católica, tão presente ainda entre os momentos de fé coletiva e devoção em Festa de igreja como a congada. Dificilmente também um outro tipo de prática religioso-folclórica será como o congo tão diretamente associada a grupos de negros de confissão católica. (BRANDÃO apud ROBERTO, 2000, p. 01)

Como aponta Souza (2002), os rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, ou Congado, constituem-se numa das mais importantes expressões da religiosidade e da cultura afro-brasileira presentes em Minas Gerais. O Reinado consiste num ciclo anual de homenagens a Nossa Senhora do Rosário e envolve a realização de novenas, levantamento de mastros, procissões, cortejos, coroações de reis e rainhas, cumprimento de promessas, leilões, cantos, danças, banquetes coletivos e a entrega de coroas.

Martins (2006) caracteriza esta manifestação como um sistema religioso que se hibridiza entre as orientações afro da religiosidade negra brasileira e o catolicismo popular de matriz européia. Durante as celebrações em torno da figura de N. S. do Rosário, os grupos de congo performatizam espacialmente, através de suas danças, cantos e celebrações, as travessias de negros da África para as Américas. Com suas narrativas mitopoéticas, os grupos consagram o espaço ao visitar lugares, ritualizando suas memórias de cativo, de travessia da África para o Brasil e de recordação do espaço além-mar. Estes grupos de congadeiros, ao celebrarem suas memórias, como salienta Martins, grafam no espaço, com seus corpos, a dramaturgia de passagem de uma condição de morte

(escravidão, silêncio, imobilidade) para uma de vida (liberdade, resistência, voz e movimento). Em nosso entender, são criadas, assim, *geo-grafias* memoriais.

Em São José do Triunfo, a Festa do Rosário revela fortes relações entre as dimensões de espaço e tempo e o fenômeno da memória. Tais relações podem ser visualizadas no discurso daqueles que vivem a festa desde sua “transferência” para o local. Segundo seus participantes mais antigos, esta transferência ocorreu por volta do ano de 1930, quando os avós dos atuais Rei Congo e Capitão da Banda levaram-na de Viçosa para o Fundão, data que coincide com o início de formação do Distrito. Seu Dola e Seu Zeca, tidos pelos participantes do Congado como os que guardam o maior conhecimento da festa religiosa no local, e nela ocupando respectivamente as funções de Rei Congo e Capitão da Banda, acentuam, em seus discursos e memórias sobre a festa, indissociável relação entre os lugares das celebrações, sua história e o Congado.

Como observamos, a Festa do Rosário mais do que recolocar em relevo os espaços e tempos que viveram estes guardiões da memória – constituindo em importante fonte documental para textualizar a ocupação e história do local -, possibilita a constituição de novas dinâmicas aos espaços que por hora já se organizam segundo novos usos e agentes. Na medida em que é passada para as novas gerações, as celebrações do Congado possibilitam transmitir uma cultura - que já permanece por séculos –, sendo revivida através do modo de uso e significação dos espaços. Ou seja, a festa se refaz enquanto história e cultura através do modo como aciona os lugares em que se realiza. Nos momentos de festividades, é considerável o número de jovens e crianças no evento. Halbwachs esclarece sobre o caráter (re)criador da memória:

A história não é todo passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na

aparência. [...] Os grupos, no seio dos quais outrora se elaboravam concepções e um espírito que reinara algum tempo sobre toda sociedade, recuam logo e deixam lugar para outros, que seguram, por sua vez, durante certo período, o cetro dos costumes e que modificam a opinião segundo novos modelos. (HALBAWACHS, 1990, p.71)

É neste sentido, que intitulamos esta monografia de *Geo-Grafias da Memória* e acionamos a imagem trazida na titulação de nosso relatório de pesquisa das *Chamas do Candeeiro*⁵, baseando-se numa história contada por estes guardiões da memória. Dizem eles, ao relatarem a história da festa, que é muito bonito lembrar de tudo pelo que já passou o Congado em São José do Triunfo. “Hoje nós fazemos festa é iluminados por luz de poste, mas antigamente nós colocávamos é em bambu umas chamas para iluminar nossas passagens pelas ruas, eram os candeeiros que iluminavam nossa festa.” (Seu Zeca, Diário de Campo, 12/09/2006)

É nesta percepção de que permanece viva a chama da memória e o fulgor da história e da geografia do lugar, na medida em que a festa os re-alimenta - como nos candeeiros, mas neste caso com o óleo e a querosene da Festa do Rosário; com espaço e tempo transformando-se em memória, a memória transformando-se em agente produtor do presente, através da oralidade e das linguagens em ação -, que pudemos identificar as formas de organização políticas da população negra no território em questão. Assim, vislumbramos que a dimensão memorial trazida pela festa atua na construção e manutenção da coesão no grupo, que se organiza segundo mesmos princípios e propósitos reivindicativos para assegurar as condições para sua existência, como no período da escravidão em torno dos quilombos ou na atualidade, no sentido da permanência da adesão cultural do grupo. As falas dos guardiões da memória membros da Irmandade são elucidativos desta idéia:

⁵ BARLETTO, M; SOUSA, P. P. A. de. *Chamas do Candeeiro: gênero, espaço e tempo na memória do Congado*. Viçosa, 2008. 79p. (Relatório de Pesquisa)

Nosso Congado é religião, se só tem festa nós não estamos. Nosso Congado é uma Irmandade e não uma associação. Associação, como a capoeira, tem patrocínio, nós não. (Diário de Campo, 12/09/2006)

Hoje em dia o povo dá muito mais valor, hoje o povo tem mais conhecimento do Congado. Isso aconteceu depois do Cônego ter aprendido em Ouro Preto sobre o Congado, quando o Cônego falou pro povo do Congado o movimento passou a ter muito mais valor, o povo ganhou amor pelo nosso movimento. Agora tem a Carla (professora do curso de Dança da UFV idealizadora do documentário 'Gengibre', sobre a Festa do Rosário no Fundão) que tá crecendo nosso movimento. (Diário de Campo, 12/09/2006).

Este reconhecimento identitário do grupo de congadeiros como Irmandade e das questões políticas diretamente relacionadas a esta organização se revelaram em diversas outras falas dos guardiões da memória. Durante a realização da Caminhada Transversal, técnica do Diagnóstico Rápido Participativo utilizada na pesquisa, uma fala em especial destaca a lucidez do grupo quanto à sua posição frente a outros segmentos sociais e de sua importância como organização política. O relato abaixo, extraído de nosso diário de campo, sugere o quanto a Irmandade se reconhece enquanto grupo cultural nos momentos em que ela pode se beneficiar destas posições para fortalecer sua organização, a partir dos supostos de sua herança escravista.

Em determinado momento João parou para conversar com um senhor que passava. Seu Dola e Seu Zeca questionaram do que se tratava e João respondeu que era sobre futebol. Eles passaram a comentar então como o futebol é importante para as pessoas, a ponto, segundo eles, de até o governo ter interesse em investir, assim como no carnaval, o que não acontece com a religião. Questionei o motivo, eles responderam que é em função do futebol e do carnaval constituírem em diversão para todos, e o catolicismo não. Além do que, *“o catolicismo não faz propaganda para estes governos, tendo o carnaval ou um trem qualquer tem o comercial deles. Num é favorável à religião.”*

Eles já chegaram a ir à prefeitura atrás de ajudas de custo, pois sabiam que *“outras culturas”* recebem cerca de mil reais por mês para ajuda, mas não conseguiram. Disseram por parte da Prefeitura que se o grupo de Congado quisesse que se comprasse alguma coisa para eles seria necessário fazer uma lista de pedidos e levar para a Prefeitura, mas o grupo não chegou a levar. (Diário de campo, 27/06/2007)

A maneira como começamos a perceber o sentido de Irmandade enquanto organização que 'cimenta' as sociabilidades existentes e constituintes da Festa do Rosário

esteve, pois, diretamente relacionada às declarações do grupo. Em suas falas os guardiões faziam questão de definir os congadeiros como uma Irmandade. Em certos momentos da festa, porém, estas tentativas do grupo de se fazer entender como Irmandade ganharam outras vozes ou ritmos. Através das cantorias efetuadas pelo grupo, em seus deslocamentos espaciais pelas ruas do distrito, é possível apreender como as sociabilidades da população negra daquele território têm intenções de assegurar uma organização/racionalidade que afirme o grupo como movimento político. Tal aspecto pode ser visualizado nas músicas que fazem referência às tentativas de libertação de populações negras escravizadas no Brasil (referência ao passado), e em outras, que aludem aos efeitos que a escravidão negra ainda possui na dinâmica social recente do país. A transcrição de parte de algumas cantigas ilustra estes argumentos:

O exemplo do cativo, quando o senhor me batia. Eu gritava por Nossa Senhora, meu Deus, quanto a pancada doía.

Tá na rua debaixo, tá no fundo da horta. A polícia me prende olê, lê, a Rainha me solta.

Outro momento em que foi possível constatar a dimensão de Irmandade que estabelece as sociabilidades do grupo foi a observação dos tensionamentos da Irmandade com outros grupos sociais do Distrito e mesmo com outras instituições participantes da festa. Estes tensionamentos acabam por aflorar as necessidades de assegurar coerências político-culturais internas ao grupo para que ele possa se firmar em suas singularidades. Os diversos conflitos do grupo com a Igreja Católica, perceptíveis a partir da constatação das diferentes formas de cultos em razão das distintas origens e orientações destes dois segmentos, podem ser entendidos como expressão disso. Enquanto a forte influência dos cultos dos congadeiros ainda é visivelmente de influência afro, a Igreja possui uma orientação declaradamente apostólico-romana, que prima por um ritual de bases

europeizadas. Os tensionamentos se dão aqui em termos de disputa pelo simbólico, incorporado nas espacialidades de interseção dos dois segmentos em questão. A substituição do pároco local branco por um padre negro na celebração de uma missa em um dos anos em que observamos a realização da festa também é indicativa da questão. Estas questões foram relatadas no diário de campo:

O momento da chegada do grupo à Igreja foi, a meu ver, o de maior emoção da Festa. Foi de fato uma cena fantástica. Em poucos segundos todo o ambiente “sagrado” da Igreja Católica, tal qual ela quer fazer uma imagem, foi tomado pelo som outrora “profano” do batuque dos negros. Todo o cenário de frieza foi ocupado pela alegria contagiante do grupo que ganhava a nave do templo. (Diário de campo, 15/10/2006).

No fim da missa, inicia-se uma parte dedicada somente ao Congado. Até então a participação do grupo de Congo era feita através de cantorias para enfeitar a missa e fazer referências à N. S. do Rosário. A partir da troca de coroas a missa meio que passa para o domínio do Congado. (Diário de campo, 15/10/2006).

A estrutura da Irmandade apresenta grande complexidade organizacional. Na figura dos guardiões da memória se concentra o maior poderio hierárquico da Irmandade, que se dá em função de serem estes antigos participantes do núcleo central do grupo de congadeiros (filhos e netos de ex-Rei Congos). Seu Zeca e Seu Dola centralizam grande parte do poder de decisões sobre a dinâmica da festa, evento que funciona como elemento assegurador da continuidade da Irmandade. Por exemplo, é no quintal de Seu Zeca que ocorrem os ensaios da festa e onde os participantes se reúnem para o início das atividades relacionadas ao Congado; a casa de Seu Dola é onde fica guardada a maior parte dos instrumentos e objetos utilizados pela banda. O poderio administrativo do Congado também se concentra nas pessoas de Seu Dola e Seu Zeca, este primeiro controla através de uma lista de chamadas a presença ou ausência dos participantes da banda nos ensaios, sendo ele, inclusive, revestido do poder de afastar da banda aqueles que não freqüentam regularmente os encontros do grupo.

Na Irmandade, as organizações econômicas necessárias para que ocorra a festa se dão de forma um tanto simplificada e descentralizada, não havendo a necessidade de complexos sistemas contábeis para que o evento festivo ocorra. Para efetivação dos festejos é instituído que o Reinado Festeiro de cada ano é o responsável por elementos organizativos da festa do ano posterior. Assim, na festa que sucede àquela em que Rei, Rainha, Príncipe e Princesa festeiros receberam suas coroas, estes têm que financiar alimentação do ano posterior e assegurar outros elementos tradicionalmente presentes na festa, como a presença de uma banda de fanfarra. Não observamos nenhum atrito neste sentido, embora o esplendor da festa exista em descompasso com a realidade cotidiana por vezes observada: a opulência da festa contrasta com a dureza das dificuldades econômicas da maioria dos que participam ou acompanham a banda.

A Festa do Rosário assegura as socializações que garantem a existência e permanência da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo, que por sua vez se fundamenta enquanto agregadora da população negra do distrito e de suas raízes identitárias baseadas numa memória social de origem comum. Dessa maneira, a festa, como espaço de sociabilidades, se confirma como evento não somente instaurador de espaços e tempos deslocados da vida diária, criando subversões à ordem cotidiana; mas também por reproduzir as dinâmicas sociais e as hierarquizações geradas pelo movimento da vida comum, não festivos. Isto quer dizer que as formas de escalonamento entre o feminino e o masculino, de tensão entre a negritude com outros grupos que participam da dinâmica do espaço de São José do Triunfo, se mantêm e se perpetuam mesmo nos momentos de festejo, que é visto por alguns como ocasião em que os sujeitos revestem-se de outras roupagens para viver outras vidas⁶.

⁶ Maia (1999) e Corrêa (2005), analisam como autores como Buttitta, Caillois, DaMatta e Duvignaud, concebem os eventos festivos como o momento em os sujeitos sociais se deslocam de suas realidades em

A Festa do Rosário é, pois, um espaço ou momento em que os sujeitos que constituem a população de São José do Triunfo, mesmo imbricados em dinâmicas sociais que já não se reduzem ou se encerram somente na vida do interior do distrito – sendo pertencentes a outros grupos sociais - encontrem um elemento comum que os permite naquele momento se reconhecer como grupo que possui características passíveis de serem partilhadas politicamente na construção de um sentimento identitário de pertencimento étnico/racial. Assim, a partir da aproximação de histórias de vida, de lugares e dos percalços da trajetória dos congadeiros, a festa permite ao grupo se reconhecer como Irmandade.

função da instauração de espaço-temporalidades de excessos, destruições e catarses. Mais adiante problematizamos as diferentes abordagens do evento festivo pelas ciências sociais.

4 – “FAZENDO A FESTA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.

Desde que estabelecemos os supostos que justificavam a realização de nossa pesquisa, relacionados à constatação da necessidade de se compreender a constituição territorial de Viçosa por povos negros, tornou-se uma preocupação o delineamento de uma realidade que expusesse elementos da tessitura desta espaço-temporalidade. A partir da tomada de conhecimento da Festa do Rosário do distrito de São José do Triunfo pelo documentário elaborado pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura Popular Brasileira - Gengibre⁷, aquela realidade logo se apresentou como uma possibilidade de substancializar nossos anseios de pesquisa. Foi a partir do contato com este grupo, a partir de primeiras observações e conversas sobre seus cotidianos e memórias, que fomos delineando os aspectos de suas realidade que nos eram legíveis e suscitadores de discussões e reflexões. Foi assim que elegemos as dimensões de espaço e tempo e as relações étnico-raciais e de gênero como as categorias analíticas para guiarem nossas reflexões, escolhas e utilização dos instrumentos analíticos empregados na investigação.

Desta maneira, buscávamos elementos que nos permitissem estar cientes da realidade em que estávamos inseridos, assim como um instrumental para refinamento teórico-metodológico que fosse capaz de dar-nos suporte para captar a complexidade dos eventos que propúnhamos a conhecer. Isso exigiu que nos debruçássemos sobre uma série de conceitos explicativos e categorias analíticas para que construíssemos um referencial interpretativo dos movimentos que observávamos. A revisão de literatura sobre memória, evento festivo, dimensões de espaço e tempo, relações étnico-raciais e de gênero e os entrelaçamentos entre estes conceitos, constituiu-se no primeiro esforço do trabalho. A

⁷ Brasil, 2006, doc, cor, 17 min.

busca de metodologias de pesquisa que nos tornasse aptos a compreender aquela realidade também se tornou uma necessidade. Dessa forma, a reunião de metodologias da história oral e das narrativas de vida fez-se fundamental para nossas imersões “instrumentalizadas” em campo. As análises que realizamos, através destas reflexões teórico-metodológicas, bem como seus contrastes com o que observamos em São José do Triunfo, estão expostas ao longo deste texto.

A opção por fazer das dimensões de espaço e tempo como noções centrais nas reflexões de nossa pesquisa se deu pela compreensão, em concordância ao pensamento de Harvey (2004, p. 197), de que “espaço e tempo são categorias básicas da experiência humana. E, no entanto, raramente discutimos o seu sentido; tendemos a tê-los por certos e lhe damos atribuições do senso comum ou auto-evidentes”. Foi na perspectiva de apresentar estas categorias como dimensões produzidas pelas relações sociais e pelas experiências humanas, que buscamos destacar na realidade estes elementos, na tentativa de desessencializar os supostos que buscam naturalizar estas dimensões como constantes e independentes das ações sociais que se configuram na formulação do real. Assim, ao empregar as categorias tempo e espaço nesta monografia buscamos entender de que maneira as relações que se constituem no movimento da vida estão vinculadas direta e indiretamente com a estrutura espaço-temporal em que se estabelecem. Assim, tão múltiplas quanto as formas de relacionamentos sociais que se instituem nos mais distintos lugares, são as estruturas espaço-temporais que as comportam e por elas são produzidas e dinamizadas.

Nossa justificativa em explicitar a pluralidade das relações de espaço e tempo em função da diversidade de sujeitos se apóia, ainda, no pensamento de Milton Santos (2006), para quem sujeitos e objetos se substancializam mutuamente enquanto personagens que

dão dinâmica aos eventos constituintes da realidade, em seu relacionamento constante e em sua inseparabilidade. Apoiados no pensamento deste autor, adotamos a noção de espaço entendendo que esta dimensão se constitui enquanto um sistema de objetos e ações em conjunto. A noção de tempo por nós aderida também é herdeira desta conceituação da noção de espaço: tempo é tomado em termos da materialidade do espaço (objetos) e das significações a elas impressas pelas mais distintas etapas da evolução social (ações). É, portanto, uma noção geográfica de tempo, que é lida em termos das paisagens humanas, por definição transtemporais e agregadoras das relações entre o ser humano e a natureza, e entre os indivíduos e grupos em distintos momentos de suas histórias.

As noções de gênero e etnia, por sua vez, emergem em nosso trabalho a partir dessa mesma perspectiva, ou seja, de que os sujeitos em suas relações com o grupo são responsáveis pela produção de demarcadores espaciais e temporais que produzem suas ações enquanto corpos educados e socializados por/para determinados sistemas sociais. A partir dessa concepção consideramos que os lugares e territorialidades que emergem no Congado, são definidos a partir do inter-jogo histórico das identidades e dos tensionamentos instaurados pela diversidade de sujeitos sociais que neste espaço estão constituídos.

A pesquisa bibliográfica em torno da memória da população negra no âmbito da história local foi outra preocupação em nosso trabalho. Buscar levantar, a partir dos mais distintos órgãos e instituições informações, dados e materiais que contassem a história da população negra em Viçosa e em São José do Triunfo foi uma das atividades por nós realizada. Neste sentido, pesquisas em bibliotecas da Universidade Federal de Viçosa que reúnem monografias, dissertações e teses a respeito de problemáticas sociais e étnicas, foram realizadas a fim de levantar e congregar estes materiais. Nesta etapa pouco êxito foi

alcançado, constatamos que de fato é bastante restrita a produção de estudos que tratam das populações negras na cidade de Viçosa⁸.

Outro levantamento de materiais bibliográficos concernentes às populações negras na cidade de Viçosa foi realizado em torno de vídeos e mídias produzidos a respeito destas populações. Nesta etapa, conseguimos localizar alguns vídeos e documentários realizados pelo Zine-Zine, programa já extinto do Sistema de Rádio e TV - Universidade Federal de Viçosa. Estes vídeos foram gravados e estão em nosso acervo de pesquisas como documentação levantada sobre a história da constituição da cidade de Viçosa por populações negras. Outro vídeo em nossa posse é o documentário produzido pelo Gengibre⁹, do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa. Ambos os materiais retratam a Festa de Nossa Senhora do Rosário nos distritos de São José do Triunfo e de Cachoeirinha, sendo que o primeiro ainda possui gravação do cotidiano de outras populações negras da cidade e circunvizinhança de Viçosa.

⁸ SOLDATI, Cleber. *Análise exploratória da estratificação social de Viçosa-MG*. Viçosa: Departamento de Economia Rural da UFV, 1971. (Dissertação, Mestrado em Extensão Rural). PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Evolução histórica e tendências de mudanças sócio-culturais na comunidade de Viçosa-MG*. Viçosa: Departamento de Economia Rural da UFV, 1983. (Dissertação, Mestrado em Extensão Rural). PEREIRA, Geana Patrícia Pinheiro Barros. *Homens, mulheres e masculinidade no Buieíé*. Viçosa: Departamento de Economia Rural da UFV, 1999. (Dissertação, Mestrado em Extensão Rural). OLIVEIRA, Ana Luíza Fernandes de. *Terra, Trabalho, Parentela e Fé: Uma Abordagem sobre o Espaço Social e a Herança Afro-descendente na Comunidade Rural de Nogueira, Ponte Nova -MG*. Viçosa: Departamento de Economia Doméstica da UFV, 2007. (Dissertação, Mestrado em Economia Doméstica). ROBERTO, Andréa de Paula. *A Festa de Nossa Senhora do Rosário no Serro, Minas Gerais: a reinvenção de uma tradição*. Viçosa: Departamento de Economia Rural da UFV, 1999. 138p. (Dissertação, Mestrado em Extensão Rural). FERREIRA, Rodrigo de Souza. *Os Dançadores do Rosário ganham novos trajes: Congada, Igreja e Amigos da Congada em Brás Pires-MG*. Viçosa: Departamento de Economia Rural da UFV, 2005. 180p. (Dissertação, Mestrado em Extensão Rural). PEREIRA, Carolina de F.. *Reprodução da cultura afro-brasileira: A Associação Quilombola Herdeiros do Banço e suas estratégias de afirmação político-cultural*. Viçosa: Departamento de Artes e Humanidades da UFV, 2007. (Monografia, Bacharelado em Geografia). REIS, Patrícia Vaz de Melo. *Oralidade e imagem no processo de construção da identidade cultural. Análise do documentário 'Gengibre'*. Viçosa: Departamento de Artes e Humanidades, 2006. (Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo).

⁹ Brasil, 2006, doc, cor, 17 min.

4.1 – As Narrativas e a história oral

As primeiras atividades de pesquisa teórica foram realizadas adotando as orientações de Alberti (2004) e Pollak (1992), para os quais a necessidade de pesquisas bibliográficas de autores que possuam produção de pesquisas sobre uma realidade a ser estudada, em nosso caso a Festa do Rosário em São José do Triunfo, faz-se necessária para aquisição de noções da história da constituição de um lugar. Tais medidas foram adotadas a partir de nossas apropriações destes autores, para que na realização e análise das entrevistas e materiais elaborados durante a investigação pudéssemos compreender as distorções do processo do lembrar e estarmos cientes dos fatos que marcam a história local. Esta opção metodológica não possuiu um caráter de confrontação entre as ferramentas da história oral e as de fontes documentais escritas, mas sim de desenvolver uma postura investigativa que busca mais a complementaridade do que suas assimetrias¹⁰.

Quando nos referimos à história oral estamos nos reportando a uma metodologia utilizada em duas dimensões em nossa pesquisa, através dela é que se pautaram a maior parte das informações adquiridas durante a investigação. A primeira delas esteve relacionada ao que Alberti (2004) chama de “arquivos provocados”, ou seja, relatos de ações vivenciadas pelos sujeitos de nossa pesquisa trazidos à tona a partir de questionamentos a eles dirigidos, com o objetivo de tornarmo-nos cientes daquilo que eles vivenciaram ou daquilo que eles elegeram como merecido de ser lembrado de suas vivências.

¹⁰ Pollak (1992) quando questionado a respeito do método da história oral como produtor de representações do real ao invés da reconstituição deste, diz não conceber a fonte escrita como mais confiável que a oral e que não há nem mesmo diferenças substanciais entre estas duas metodologias. Para o autor, tanto uma quanto outra são construções sociais que, como tais, devem ser levadas à crítica.

A segunda dimensão da história oral que esteve presente em nosso trabalho foi a observação da memória ativa que, como salienta Alberti (2004), é aquela em permanente disposição para os indivíduos por serem frequentemente utilizadas em nosso cotidiano. A utilização deste instrumento se deu através da observação participante junto ao grupo de Congado, onde pudemos observar através de suas ações, sobretudo as ritualísticas nas festas ou na preparação destas, a recorrência em que eram colocados em relevo aspectos e acontecimentos que se desenvolveram no passado daquele grupo e que ainda continuam a participar da dinâmica atual de suas ações.

Dessa maneira, no processo de construção da pesquisa estiveram envolvidos de forma conjugada os aspectos vinculados ao resgate das lembranças experimentadas na escala da própria vida e aqueles vivenciados a partir das relações intergeracionais. As memórias narradas pelos sujeitos da pesquisa faziam, assim, trânsito entre os aspectos da festa que se reportavam a fatos marcantes da vida das pessoas, como morte de um ente ou nascimento de um filho; e aqueles relacionados aos sofrimentos vivenciados quando do período de cativeiro no Brasil colonial e imperial, que apesar de não serem experimentados imediatamente pelos sujeitos entrevistados, fazem parte da memória transmitida, representadas, por exemplo, pelos traços da ancestralidade carregadas pelo corpo.

Halbwachs (1990) esclarece que

A memória individual é limitada no tempo e no espaço, isto porque o funcionamento da memória individual não é possível sem certos instrumentos (pontos de referência que existem fora do indivíduo e que são fixados por uma sociedade) que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas as emprestou do seu meio. A memória coletiva também é limitada num contexto espaço-temporal, seus limites, no entanto, são distintos, podem ser restritos e bem mais remotos também. (58)

O autor chama a memória pessoal de autobiográfica e a memória social de história. A primeira se apóia na segunda, pois toda a história de nossa vida faz parte da história em

geral. A segunda seria, entretanto, bem mais ampla que a primeira, pois por toda parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma abreviada, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro de maiores sucessões.

Uma outra questão importante de ser expressa, porque geradora de reflexões, é o amplo debate realizado em torno das atividades de enquadramento da memória¹¹ e das relações desta com a história¹². Torna-se importante elucidarmos como esta questão se fez presente em nosso trabalho. Como nossa postura diante dos sujeitos não foi a de tratá-los como "vítimas" da pesquisa, mas como agentes participantes da construção desta investigação, o trabalho de fazer o levantamento das memórias da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo, atreladas ao Congado, foi sempre pautado num esforço de horizontalidade onde os sujeitos participaram ativamente no delineamento dos rumos da pesquisa. De fato, por diversas vezes, os agentes participantes da pesquisa acabavam por encaminhar os rumos da investigação, dando sugestões de como melhor esclarecer questões sobre o passado deles e mesmo quanto às formas que nossas metodologias poderiam assumir, sugerindo, por exemplo, formas de anotação de determinadas falas e de ordenação dos textos a serem construídos. A descrição de um dos

¹¹ Para Pollak (1992), o trabalho de enquadramento da memória consistiria no encaminhamento de uma determinada construção da memória - seus elementos, conteúdos e estrutura - de modo a privilegiar determinada imagem ou identidade em detrimento de outras. O trabalho de enquadramento da memória tem a função de manter a coesão do grupo, ao reforçar os sentimentos de pertencimento e defender as referências sociais e o ideário que um grupo tem em comum.

¹² Nora (1993) faz bem esta diferenciação entre a natureza e as distinções dos propósitos da memória e da história. Para o autor "A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações. (...) A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido sempre no presente; a história, uma representação do passado. (...) A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. (...) No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é desligamento do passado vivido". (p.09).

momentos do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que formulei no diário de campo (em anexo), ajuda a elucidar esta questão.

A preocupação em fotografar as placas com nome das ruas permaneceu constante. Por termos adentrado à Rua Maria Francisca de Jesus a partir da Avenida Silva Araújo, a placa com a denominação desta rua ficava um tanto distante do local em que estávamos e para o deslocamento da festa tal como realizávamos ficaria “fora de mão” ir até onde a placa estava localizada somente para fotografá-la. Os “guardiões”, então, como se imaginassem um formato para um relatório que eu iria fazer daquela travessia, me aconselharam a lembrar que aquela era a Rua Maria Francisca de Jesus, que em outro momento passaríamos pela placa com esta denominação e no momento de organização de meu relatório eu encaixasse a foto em seu devido lugar. Este exercício me foi proposto por eles em outros momentos. Eles pareciam tentar tornar legível um “quebra cabeça” que a festa faz com o distrito: o cortejo, em determinado momento, entra numa rua, percorre uma pequena extensão de seu espaço para em seguida adentrar em outra rua, e posteriormente retornar a esta outra rua... Embora os guardiões sejam cartesianos ao apresentar o deslocamento da festa pelo distrito, a lógica da festa parece não ter esta preocupação do reto, do contínuo e do retilíneo. A festa faz da cartografia oficial do distrito um labirinto, realizando seus deslocamentos numa “racionalidade” pautada muito mais numa geografia simbólica daquele lugar, que é passível de ser explicado ao estrangeiro por meio da cartografia cartesiana. (Diário de Campo, 03/06/2007).

O fato acima narrado pode ser tomado como ilustrativo de uma série de questões que apontam como são entendidas as relações entre a memória e seu enquadramento por nossa análise. Os sujeitos se colocaram a todo momento como agentes políticos buscando nesta investigação se fazerem ouvir e se beneficiarem ao me reconhecerem como detentor de instrumentos que de alguma forma poderia auxiliá-los na inversão de suas condições de subjugados étnica, cultura e politicamente, como sugere Martins (1993).

Como nossos esforços de pesquisa iniciaram-se com o contato direto com a realidade, ao mesmo tempo em que construíamos um problema científico, a delimitação dos sujeitos da pesquisa não constituiu em grandes dificuldades. Em nosso projeto já deixamos claro quem seriam os sujeitos envolvidos no relacionamento investigativo. O que ocorreu é que durante as observações participantes tornamo-nos gradativamente mais seguros quanto à escolha das pessoas que nos relataram suas memórias. No desenrolar das atividades, em contato com toda a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de outros

moradores do distrito de São José do Triunfo, pudemos de fato perceber que nossa dedução primeira de eleger como guardiões da memória do Congado, Seu Dola (Rei Congo) e Seu Zeca (Capitão da Banda), principalmente, e pessoas de mais idade e de alta hierarquia na festa, como Dona Maria José (Rainha Conga), João Décimo (Violeiro da banda de Congado) e Juquita (Dançador); foi uma percepção de êxito para nossos levantamentos memoriais.

4.2 - Observação participante, construção de cenas etnogeográficas e o diário de campo.

O trabalho de campo teve momentos distintos, seguindo os aspectos previstos no projeto de pesquisa e algumas readaptações necessárias de acordo com as demandas da realidade. Um dos instrumentos da metodologia da pesquisa que perpassou todo o trabalho foi a observação participante, que consistiu no acompanhamento de preparação da festa e dos eventos festivos, permitindo a formulação de descrições densas do evento, de anotação das narrativas memoriais, da apreensão das referências espaciais do grupo, do delineamento das tensões entre sujeitos participantes da festa e das simbolizações e conflitos realizados pelo/no lugar.

Foram realizadas dez visitas ao grupo de Congado, todas descritas em diário de campo (em anexo) que relata as falas dos participantes do evento, a observação dos acontecimentos e das dinâmicas do distrito e o desenvolvimento dos processos metodológicos propostos pelo projeto. Além dos relatos de minha estadia nos eventos há ainda fotografias que buscam dar dimensão das cenas que lá se configuraram.

Buscamos na metodologia aliar as proposições das descrições densas de determinados grupos culturais, empreendimentos etnográficos de ampla tradição na ciência antropológica, ao exercício de etnogeografia, definido por Ratts (2003) como o

(...) trabalho de campo que pode ser concebido como a construção de um patamar de convivência e de diálogo sem obliterar as tensões que, eventualmente, o grupo étnico em foco venha a enfrentar. A passagem da descrição de lugares e momentos para uma interpretação de espacialidades e temporalidades exige a observação sensível e crítica do(s) sítio(s) onde um grupo humano constrói sua existência. (RATTS, 2003, p. 41)

A intenção com estes instrumentos metodológicos foi a de construir cenas etnogeográficas que pudessem nos revelar, em análises e reflexões, aspectos das dinâmicas sócio-político-culturais do grupo a que nos debruçamos, bem como a feição das espacialidades e temporalidades constituídas nas relações entre os sujeitos da Irmandade e desta ante outros grupos.

Desta maneira, os esforços de descrição no diário se deram no sentido da busca do entendimento das espacializações geradas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo, a partir das manifestações do grupo de Congado nos diferentes momentos e acontecimentos naquele sítio. A tentativa de abarcar as paisagens, os lugares e as territorialidades geradas nos movimentos do Congado, que inscrevem no espaço - ao longo do tempo - suas ações, sentidos e lembranças, orientou todas as descrições efetuadas no diário. Assim, aspectos memoriais, de tensionamentos (de gênero, etnia/raça, classe social e geração) e a criação de ritualizações e tradições, são relatadas a fim possibilitar a compreensão da realidade em questão a partir de suas expressões espaciais.

É necessário, desta maneira, fazer alguns apontamentos a respeito da escrita do diário de campo e sua relação com os demais textos produzidos ao longo da pesquisa. Considero que o diário foi um dos pontos-chaves da pesquisa, em termos de aprendizagem

e instrumentalização científica que para mim se constituíram e pela bem sucedida escolha em termos de ferramenta para registro do acompanhamento das atividades de campo. A junção entre texto e fotografias figurou-se em excelente opção arquivística, funcionando como um registro sempre disponível para a produção de textos reflexivos sobre as observações e para consulta sobre dados da pesquisa, além de importante exercício de descrições densas das realidades espaço-temporais e político-culturais de grupos. Mais um aspecto da observação participante deve ser realçado. Como esta metodologia permeou toda a pesquisa, acabou configurando-se como o instrumento que tornou mais evidente minhas relações com os sujeitos da pesquisa.

A relação com o grupo foi marcada pela tensão entre a diferença e o reconhecimento. O exercício de alteridade exigiu concessões de ambas as partes para que progressivamente o que era estrangeiro fosse se tornando familiar para ambos os envolvidos na pesquisa: sujeitos e pesquisador. Meu esforço enquanto pesquisador de buscar ganhar a confiança do grupo era nítido, por meus interesses de realização da pesquisa; mas em contrapartida o grupo buscava também se fazer cada vez menos estranho para mim, através de seus consentimentos para que eu adentrasse seu território. O antropólogo Vagner Gonçalves da Silva (2006) mostra como este processo de esforço de familiarização entre sujeito e pesquisador é dual:

(...) não é apenas ele [o pesquisador] que procura familiarizar-se com o universo cultural do grupo no qual ele se insere. O grupo também mobiliza seu sistema de classificação para tornar aquele que inicialmente era um 'estrangeiro' em uma 'pessoa de dentro', isto é, um sujeito socialmente reconhecido. (p. 287)

De fato, o processo de ir-me familiarizando com o grupo foi progressivo, não só em termos afetivos, mas também de transformação na forma de nossos diálogos. Se inicialmente era necessário que eu questionasse a membros do grupo sobre o significado de

fatos que ficavam encobertos pelo evento festivo, com o passar do tempo eles já se dirigiam a mim para buscar elucidar aquilo que não era legível para os não participantes do grupo. Exemplo disso é o fato de que com o desenvolver da pesquisa eles passaram a me abordar nas paradas da banda na casa de determinadas pessoas do distrito para me explicar o sentido daquela interrupção de seu deslocamento.

Embora toda esta abertura do grupo, era nítido que eles ainda me resguardavam de uma série coisas: os silêncios ou risos esboçados quando eles não queriam se abrir para determinada vertente de raciocínio e questionamentos foi logo entendido por mim como uma reticência, que deveria ser mantida e respeitada como tal. Foram nestes momentos que mais fortemente ficaram demarcados os limites dos territórios onde eu podia adentrar.

Esta etapa da pesquisa constituiu-se, pois, em momentos de grande crescimento científico e humanístico. Apurar as metodologias de trabalho de campo e o estabelecer contato com os sujeitos de pesquisas alçaram a pesquisa a um patamar elevado de experiência acadêmica e emocional. Acordar às três horas da manhã para estar no distrito e as quatro acompanhar a alvorada, ou em outras vezes dormir na casa de membros da Irmandade, acompanhando suas vidas privadas, fizeram parte da mágica deste processo de construção de materiais de pesquisas. As experiências e informações por ora se localizam em minhas memórias de diferentes maneiras: uma passível de ser narrada e relatada; e uma que povoa somente minhas recordações não verbalizáveis sobre aqueles momentos que confundiam minhas sensações entre racionalismos e emoções, já que, embora fossem partes da atividade científica, se constituíam sempre em festas.

4.3 - O Diagnóstico Rápido Participativo

Outro instrumento metodológico utilizado no trabalho foi o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), entendido como conjunto de técnicas pertinentes ao levantamento de informações, num curto período de tempo, que permite a construção da história do Distrito e seu processo de formação socioespacial, dado seu caráter incentivador da participação individual, dialógica e reflexiva entre nós pesquisadores e os sujeitos da atividade proposta. O DRP possibilitou que os próprios informantes apontassem os aspectos e questões que deveriam ser analisados e aprofundados em nossa pesquisa. A tônica desta metodologia esteve, em nossa investigação, na proposição de um conjunto de ferramentas úteis no mapeamento de uma realidade social, proporcionando que os sujeitos pesquisados analisassem sua própria realidade.

No trabalho, as técnicas do DRP utilizadas foram o Mapeamento Histórico e a Caminhada Transversal. A descrição detalhada do processo de utilização destas técnicas encontra-se em anexo, no diário de campo, e sua análise encontra-se ao longo deste texto. A metodologia permitiu, através do levantamento da história local e de histórias de vida, conhecer não apenas a inserção dos agentes sociais, mas também a conformação social e geográfica do lugar como espaço de pertencimento da população. Assim, as técnicas do DRP permitiram compreender as relações entre a festa e o lugar como processo singular de construção de territorialidades e traçar a cartografia simbólica do distrito em função das simbolizações da Festa do Rosário.

Para realização do Mapeamento Histórico, reunimos num local guardiões e guardiãs da memória e pedimos que eles e elas, numa cartolina e com um grande número de pincéis, representassem e apresentassem-nos como se organiza espacialmente o Distrito

de São José do Triunfo a partir da Festa do Rosário. Desta maneira, os guardiões e as guardiãs da memória foram nos apresentando a cartografia simbólica que o Congado imprime no distrito. Além de desenharem, solicitamos que eles e elas nos dissessem o que era e o que significava cada desenho. Todo o processo foi gravado, ora com imagem e som e ora somente com som, para que posteriormente pudéssemos descrever toda a realização da metodologia.

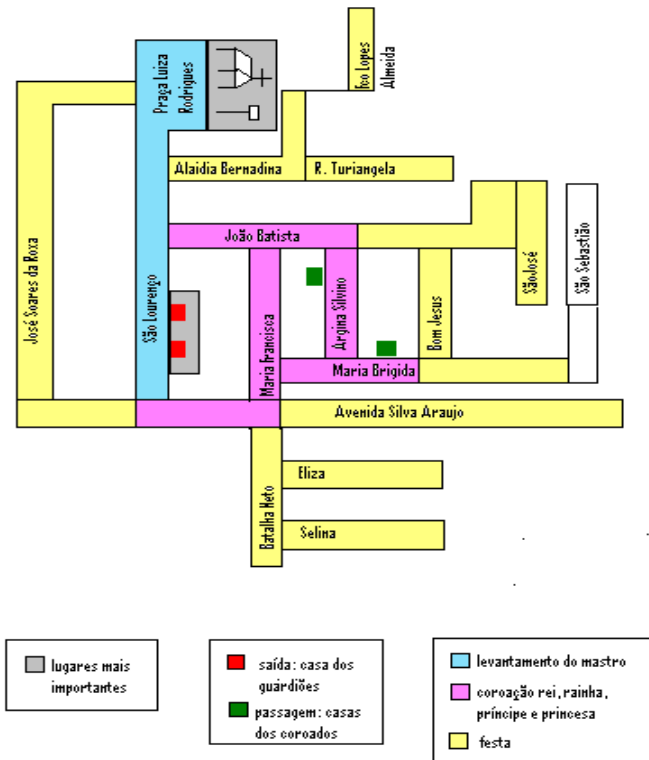
Os croquis expostos abaixo e na página seguinte são o resultado da realização da técnica do Mapeamento Histórico do DRP:



Croqui confeccionado junto às mulheres



Croqui confeccionado junto aos homens



Representação Gráfica do croqui confeccionado junto aos homens

A Caminhada Transversal constituiu em percorrer junto aos guardiões da memória todo o trajeto que a festa faz ou já fez no Distrito, a fim de que pudéssemos observar pelo Distrito aquilo que eles nos apresentaram na elaboração do mapeamento histórico.

Como a preocupação de compreender as diferenças nas formas de apreensão do espaço e tempo pelos diversos sujeitos foi uma das tônicas do trabalho, as técnicas do DRP foram utilizadas junto a dois grupos que participam de maneiras diferentes da festa. Primeiramente as técnicas foram utilizadas junto aos homens, considerados guardiões da memória no Congado; e num outro momento junto às mulheres que, embora participem da festa, não estão presentes na constituição da banda de Congado, símbolo maior das hierarquizações produzidas pelo evento. Assim, as técnicas permitiram-nos perceber as diversas sutilezas e singularidades nas formas de conceber e vivenciar o espaço e o tempo por homens e mulheres, tanto que as técnicas tiveram de ser reestruturadas para utilização entre estes dois grupos. Junto aos homens foram utilizados Mapeamento Histórico e da Caminhada Transversal; junto às mulheres não foi possível a utilização das duas técnicas, sendo utilizado apenas o Mapeamento Histórico. Como justificaram as mulheres, para se conhecer o Distrito não era necessário que elas o seu percorressem junto a mim, eu deveria simplesmente elaborar questões do que me interessava saber quando do momento em que elas estivessem na festa. A interpretação mais apurada desta etapa de pesquisa também se encontra junto às análises de materiais e atividades de pesquisa, mais adiante do texto.

Após análise dos materiais levantados por esta metodologia pudemos concluir que suas técnicas tiveram êxito em relação aos objetivos do projeto. O delinear de uma cartografia simbólica e um mapeamento espaço-temporal, permitidos pelo DRP, apresentaram-se, assim, como instrumentos apropriados para a identificação das espacialidades e temporalidades expressas em São José do Triunfo a partir de seu grupo de

Congado. As fotografias abaixo ilustram momentos de realização das técnicas do Diagnóstico Rápido Participativo junto aos homens e às mulheres.



Mapeamento Histórico junto aos homens



Caminhada Transversal realizada com os homens



Mapeamento Histórico junto às mulheres

5 – MEMÓRIA E ESPACIALIDADE NA FESTA DO ROSÁRIO: GÊNERO E ETNIA NA CELEBRAÇÃO DO LUGAR.

5.1 – A memória como unificadora do espaço e do tempo

A respeito da noção de memória, concordamos, conforme já colocado, com as proposições de Halbwachs (1990) e Pollak (1992), que entendem a memória coletiva como fruto do choque das memórias individuais em pontos comuns e de negociações a fim de formar um aparato que permita a constituição de lembranças comungadas por um grupo, evidentemente constituído de sujeitos com parte de suas lembranças não pertencente a todos.

Para Pollak (1992), este processo de negociação da memória faz, inclusive, parte do processo de construção do sentimento de identidade. Seria, então, a memória um elemento não só semelhante à identidade, mas constituinte desta, na medida em que se aproximam enquanto tentativa de negociação e da reconstrução de si. Desdobrando a análise, o autor utiliza a seguinte argumentação:

Se assimilarmos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento é, obviamente, o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.05).

Nossas investigações revelaram uma grande possibilidade de aproximação entre as paisagens, os lugares e as memórias. Entendemos através de nossas pesquisas que as paisagens, enquanto referências maiores de um espaço e um tempo, podem transformar-se em memória na medida em que é necessário apoiar em cenários, ligados tanto a imagens,

cheiros, sons e sabores que formam uma paisagem, para lembrar-se de algo. As lembranças retornam a lugares, e é necessário, para tanto, retornar a espaços que a memória tirou do movimento e transformou em formas com esforços de estatificação. Assim, o passado, para memorização, não pode ser tomado como fluxo, mas como lembrança de lugares e espaços vividos. (HARVEY, 2004)

Espaço e tempo são importantes partes constituintes da memória, por serem dimensões sociais do processo de formação e evolução desta. Halbwachs salienta que

Como auxiliares de nossa memória, os acontecimentos históricos não desempenham um outro papel senão as divisões do tempo assinalados em um relógio, ou determinados pelo calendário. Nossa vida se escoa em um movimento contínuo. Mas logo que nos voltamos para aquilo que já se desenrolou, sempre nos é possível distribuir as suas diversas partes entre os pontos de divisão do tempo coletivo que encontramos fora de nós, e que se impõe de fora a todas as memórias individuais, precisamente porque eles não tem sua origem em nenhuma delas. O tempo social assim definido seria inteiramente exterior às durações vividas pela consciência. (HALBWACHS, 1990, p.60-61).

Assim, o tempo vivido por um determinado grupo e as divisões impostas a ele são de cunho social, agindo inclusive sobre as memórias individuais, que se apóiam nestas divisões como marcos para sua lembrança.

Junto do tempo, como dimensão da memória, figura-se o espaço como outra dimensão fundamental do lembrar-se. Sobre este aspecto Pollak aponta que:

Além dos acontecimentos e das personagens (...) existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. (...) Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (...) Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo. (...) A memória da África, seja dos Camarões ou do Congo, pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento. (POLLAK, 1992, p. 02-03).

E esta noção de espaço como aglomerador de estruturas temporais distintas é extremamente significativa para se entender a construção do lugar, como parte de um espaço total com o qual as pessoas estabelecem relações materiais de existência e simbólicas de identidade, pertencimento e, certamente, de lembranças e memórias.

5.2 – A espacialidade dos eventos festivos

Os que teorizam o evento festivo dentro da geografia (MAIA, 1999; CÔRREA, 2005; FERNANDES, 2003; FERREIRA, 2003, dentre outros) possuem, em termos gerais, pontos comuns ao definir a festa. Apresentam-na como tradição disciplinar de algumas das ciências sociais, como sociologia, antropologia e história, e procuram estabelecer uma dimensão espacial fundamental neste evento que o tornaria passível de apreensão pelos conceitos e categorias analíticas da ciência geográfica.

É ampla a gama das formas de espacialização das festas abordadas por estudiosos da temática. A referência comum é buscar no espaço as simbolizações que o recorta, delimita, ordena, imprime valores e o constrói. Na efetivação deste processo os pesquisadores definem, porém, sob que ótica interpretam o evento, o que varia desde a geossimbolização do espaço, passando por sua semiografação ao conceber o território como espaço “encarnador” da cultura (CORRÊA, 2005), até a concepção de festa como processo portador de uma base espacial para construção da identidade dos indivíduos (FERNANDES, 2003).

Os estudiosos da festa acima elencados têm em comum as proposições de Durkheim para pensar o evento festivo¹³. As festas são compreendidas, desta maneira, a

¹³ DURKHEIM, Emile. Les formes élémentaires de vie religieuse, 3e édition, Paris, PUF, 1994.

partir de seu caráter ritualístico, com uma intrínseca ligação com os cerimoniais religiosos, mesmo as de caráter laico. Côrrea (2005) chega a afirmar que embora exista grande amplitude de análise das festas, as concepções em torno deste fenômeno social perpassam sempre pelas contribuições de Durkheim, ficando mesmo reféns da ótica durkheimiana.

Além desta filiação confessa à noção durkheimiana de festa, os geógrafos que se dedicam à temática buscam contribuições na obra de outros autores em torno deste conceito, como Buttitta, Caillois, Canclini, Cox, DaMatta, Duvignaud e Lefebvre; para que possam formular análises da festa sob uma ótica da Geografia.

Embora existam todas estas semelhanças nas formas de conceber a festa por parte dos geógrafos, não se deve deduzir que haja por parte destes a tentativa de construir teorias gerais em torno da relação entre espaço e festa. Por mais que estes pesquisadores procurem estabelecer características que dêem certa universalidade ao ato de festejar e de organizar um espaço para isto, as pesquisas destes geógrafos ganham caminhos e direções distintas em função de singularidades existentes em diferentes contextos festivos e em diversas formas de sua espacialização. Daí a explicação pela opção de distintas categorias de uma mesma ciência e orientação para diferentes correntes teóricas para explicar um evento que, *a priori*, se apresenta com grandes similaridades. As categorias região, lugar, território e paisagem ganham nas análises geográficas da festa distintos usos para elucidar a dimensão espacial embutida nos eventos festivos.

Uma primeira polarização realizada, a fim de agrupar formas comuns de pensamento, pode ser realizada englobando os que concebem a festa como evento capaz de suspender a ordem cotidiana de um lugar e instaurar, como ressalta Côrrea (2005), uma perda momentânea da consciência da posição social daquele que festeja. A autora ressalta a forma como esta noção é partilhada por alguns dos teóricos da festa:

DaMatta, que observa como desconstrução da ordem social; Callois, que analisa como propiciadora de retorno ao caos original; Buttitta, que acredita que o ato de festejar surge como 'religare' com o que é divino; Cox, que vê na festa um caráter orgíaco, um desperdício – o que em Duvignaud será denominado 'don du rien', o dom do nada. (CÔRREA, 2005, p. 147).

Outro pólo de entendimento deste evento pode ser encontrado em Cancline, que afirma que as festas não devem ser vistas como eventos subversivos e alheios ao mundo cotidiano, mas como sintetização da organização da vida de uma dada comunidade e de sua rotina cotidiana, onde se tornam legíveis suas formas de organização social, política, econômica e cultural.

A festa continua, a tal ponto, a existência cotidiana que reproduz no seu desenvolvimento as contradições da sociedade. Ela não pode ser o lugar da subversão e da livre expressão igualitária, ou só consegue sê-lo de maneira fragmentada, porque não é apenas um movimento unificação coletiva. As diferenças sociais e econômicas nela se repetem [...]. (CANCLINE apud MAIA, 1999, p. 195).

O que se percebe na análise dos “geógrafos da festa” é um esforço de entendê-la em uma terceira via, onde se adote, como ressalta Maia (1999, p. 196), “uma postura mediadora dessa relação entre festa e cotidiano que tanto supere os exageros idealistas de Duvignaud, quanto a exacerbação materialista de Cancline”. Ou seja, onde se consiga apreender tanto as características que fazem da festa um momento de excessos que permite um “deslocamento” da ordem social instaurada que se manifesta no cotidiano, quanto das formas sociais deste cotidiano, que se reproduzem e se perpetuam no espaço festivo.

5.3 - O lugar festivo

Dentro da diversidade de categorias analíticas da ciência geográfica e das inúmeras possibilidades para problematização da realidade a que nos incursionamos proporcionadas

por estas categorias, o conceito de lugar se apresentou como aquele que mais apoio nos oferecia para pautarmos nossa apreciação. Dessa maneira, nos amparamos nesta categoria para que melhor pudéssemos compreender as espacialidades festivas do Congado de São José do Triunfo e de suas especificidades elaboradas pelas relações de gênero e étnico-raciais que no Distrito se configuram. A categoria de lugar se apresentou também, dentre as possibilidades analíticas da geografia, como bastante apropriada para o estudo dos espaços memoriais, uma vez que o lugar se mostra como dimensão de estreitas relações com a construção de identidades a partir das lembranças que se apóiam sobre espaços.

Lugar aqui é entendido como a dimensão do espaço com a qual as pessoas estabelecem relações simbólicas de existência e, portanto, como a porção do espaço apropriável para a vida pelas pessoas através de seus corpos (CARLOS, 1996). Lugar se opõe à noção de espaço por este conceito estar muito mais ligado à idéia de movimento, liberdade e de ameaça, enquanto a noção de lugar se aproxima muito mais dos sentimentos de pausa, segurança e estabilidade (TUAN, 1983).

Ferreira (2003) auxilia-nos na reunião de parte das noções de lugar adotadas pelas distintas escolas do pensamento geográfico. O conceito associado à noção de região da geografia francesa do início do último século, que concebia estas categorias como entidades possuidoras de particularidades e unicidades diante do espaço global e que os diferenciava de outros espaços ao dá-los status de ideográfico, vem modificando-se substancialmente na evolução da geografia. Na Geografia Radical da segunda metade do século XX, por exemplo, este conceito possuía outra conotação, aproximando-se muito mais das relações entre o global e o local sob a égide dos processos de produção do espaço total. Já na Geografia Humanística ou na Geografia Cultural, outras orientações desta

ciência, as concepções de lugar aproximam-se muito mais das experiências e significações do espaço próximo.

Pelas possibilidades analíticas da categoria geográfica e da dimensão humana de lugar, Ferreira (2003) sugere que um bom parâmetro para a compreensão e assimilação do evento festivo pela geografia é seguir o acúmulo interpretativo deste conceito. Este autor sugere que o espaço pensado como “lugar festivo” permite entender o sentido de lugar e do evento festivo. O lugar festivo seria, na ótica deste autor, uma das manifestações espaciais de conflitos que procuram exercer o poder sobre o espaço através do discurso, elegendo-o como espaço da festa. O ato de festejar teria, pois, uma dimensão eminentemente espacial, uma vez que controlar um dado espaço e concebê-lo como festivo por meio de tensões e conflitos pelo poder (no sentido foucaultiano) seria uma dimensão fundamentalmente do festar.

As delimitações do lugar festivo não passariam, pois, simplesmente pelo recorte espacial da maneira como estamos acostumados a concebê-lo, qual seja, de conquista de espaços e de construção de suas hegemonias através das relações de classe e pela materialidade dos territórios. A delimitação do espaço da festa é pensada aqui a partir de constantes tensões que disputam um espaço simbólico. E a “conquista” deste espaço certamente não está relacionada às armas com que habitualmente utilizamos para analisar e conceber a disputa pela materialidade do espaço. O que define o lugar aqui pertencente a um ou outro grupo são os discursos sobre suas significações e seus valores simbólicos. Desta maneira, é “dono” do espaço aquele que detém o discurso e os saberes sobre ele: quem possui a memória da paisagem e do lugar, o domina, pois, é este quem lembra que define o que deve ser lembrando e o que deve ser esquecido.